

### 3

## METODOLOGIA

Nesse capítulo exponho como os dados foram concebidos e apresento também alguns esclarecimentos relacionados aos principais fatores que acredito estarem diretamente associados aos dados. São eles: a instituição de ensino, os participantes, o livro, o ambiente em sala de aula e a idealização do *trabalho-para-entendimento*. Os nomes relativos à Fundação, à cidade, ao bairro e ao Colégio são fictícios.

A partir da condição que o uso do livro didático de inglês se encontra na escola e da circunstância envolvendo seu uso em sala de aula, decidi adotar uma abordagem qualitativa-interpretativa-naturalística. Nessa abordagem, regras, estatísticas e outras generalizações dão lugar a descrições, comparações e interpretações. As inferências produzidas pelo raciocínio independem de métodos quantitativos para a obtenção dos dados assim como de análises estatísticas. Fenômenos complexos como o entendimento de um contexto social, podem se adequar melhor aos métodos qualitativos. O pesquisador obtém os dados descritivos de forma direta e interativa com a situação a ser estudada. A interpretação do que é estudado visando alcançar o entendimento é feita segundo a perspectiva dos participantes e não na dos observadores em ação. Para esses pesquisadores-participantes,

existem diferentes versões de verdade e realidade, dependendo da perspectiva, e a experiência não pode ser entendida de forma fragmentada, e que a causalidade não basta para ajudar alguém a entender como as situações humanas se desenvolvem (Edge e Richards, 1998: 336).

O estudo flui naturalmente: variáveis não são manipuladas e não existem tratamentos experimentais. É, portanto, carregado de subjetividade.

### 3.1

#### Construção dos Dados por meio de APPE

Orientado pelos princípios da Prática Exploratória, cheguei à conclusão de que seria muito proveitoso apresentar o questionamento acerca das circunstâncias envolvendo o livro didático aos alunos, pois eu e os alunos somos responsáveis e estamos envolvidos e comprometidos com o que acontece em sala. O comprometimento e o envolvimento dos participantes em torno de uma questão relevante para todos podem conceder estabilidade e crédito ao estudo. Van Lier (1988: 15) acredita que

isto pode ser feito através da pesquisa de sala de aula, especialmente se professores (e alunos) tiverem participação ativa e assim utilizarem a pesquisa como um aspecto central da prática pedagógica.

Raciocinando dessa forma podemos enriquecer ainda mais a idéia de que a realização da pesquisa em sala de aula precisa ser tarefa encarregada aos professores e alunos, isto é, os participantes. O entendimento das questões que intrigam e dos diversos desdobramentos que ocorrem em sala diz respeito, em primeira instância, àqueles que constituem a sala de aula.

Inicialmente, para começar a incluir os alunos na investigação, elaborei três perguntas que pudessem se adequar diretamente ao questionamento. Ou seja, fiz uso das Atividades Pedagógicas com Potencial Exploratório (APPE, cf. seção 2.2). Os alunos realizaram ao todo cinco APPE.

Uma vez que buscávamos compreender a situação na qual estávamos inseridos, já que isso dizia respeito a todos nós e havia a possibilidade real de utilizar as aulas (inclusive o assunto que estudávamos: *Present Continuous*) para reunir as informações, comecei a pensar na maior aproximação que teriam e nas várias trocas de informação que poderiam fazer se fosse criada uma condição de trabalho que envolvesse todos sob minha orientação.

Optei então pelo trabalho em grupo onde o assunto abordado foi integrado à atividade de pesquisa. Procurei orientá-los e esclarecer eventuais dúvidas, e não prescrever o que devia acontecer entre eles, apesar de perceber que “os alunos às vezes precisam de ajuda para interpretar as atividades, muitas vezes precisam de

conselho e estímulo no início” (Davis, 1999: 3). Agi desta forma por concordar com Davis (1999) quando ela afirma que:

pesquisadores relatam que, independente do assunto, alunos trabalhando em grupo tendem a aprender mais sobre o que é ensinado e manter esse aprendizado na memória por mais tempo quando comparado a outros formatos apresentando o mesmo assunto (1999: 1).

Entre os benefícios do trabalho em grupo colaborativo (*collaborative group work*<sup>1</sup>) apresentado pela autora encontra-se “o entusiasmo cada vez maior pela aprendizagem autodidata” (ibidem). Essa vantagem remete ao sexto princípio da Prática Exploratória. Outro benefício é, na verdade, o segundo princípio da PE: *melhor entendimento*. Unindo-se a esses benefícios os alunos podem:

aprender duas lições importantes: (1) a contribuição de outros membros é um auxílio precioso e (2) nós conseguimos realizar coisas juntos que nenhum de nós conseguiria realizar sozinho (Michaelson, Fink, and Knight, 1997 apud Davis, 1999).

Embora a realização das atividades em grupo não implique, necessariamente, em aumento da eficiência das aulas, agindo desta forma. Executar as APPE em grupo pode ser uma boa estratégia para trabalhar de maneira favorável à evolução e cultivo da *qualidade de vida em sala* (Gieve e Miller, 2006). Levando em conta a concepção desses autores, as APPE e a reflexão em geral sobre questões – de sala de aula ou de fora dela – que interessam professores e alunos ajudam a entender mais profundamente “sua experiência conjunta em sala”, ou seja, a natureza – boa ou ruim – de suas vidas em sala de aula.

acreditam que a qualidade de vida em sala de aula é o que professores e alunos entendem, e/ou tentam entender sobre sua experiência conjunta na sala, e que esses entendimentos são de grande importância intrínseca para eles (2006: 23) .

Muitas coisas que fazemos fora da escola são consolidadas através das interações que protagonizamos todos os dias. O trabalho em grupo permite que os alunos interajam entre si, tomem parte de seus pontos de vista e se ajudem mutuamente.

---

<sup>1</sup> Collaborative group work, Davis 1999.

## 3.2

### Contexto

Esse é o ponto do trabalho onde discorro sobre os fatores que exercem influência na construção dos dados. A figura do colégio que representa a instituição FMES; os participantes envolvidos no processo; o livro didático que se encontra à disposição dos participantes; a atmosfera na sala de aula e o planejamento do *trabalho-para-entender*.

### 3.2.1

#### A instituição FMES (Colégio João XXII)

O Colégio João XXII existe desde 1970 no bairro Esperança que pertence a uma cidade no interior do estado do Rio de Janeiro. Atende não somente àqueles que residem nas imediações do colégio, como também alunos provenientes das comunidades que existem nas proximidades do bairro. Funciona com 35 turmas de Ensino Fundamental e 1.262 alunos, 09 turmas de Ensino Médio e 311 alunos, perfazendo um total de 1.573 alunos. Tem como meta dar aos seus alunos uma formação moral, cívica e espiritual, e atender a todas as suas necessidades para uma formação integral de homens engajados dentro da sociedade.

A instituição de ensino, Colégio João XXII, é uma entre as cinco instituições que formam a Fundação Municipal de Educação de Saudade, FMES, instituída em Abril de 1968 tendo como objetivo “formar o educando para o exercício da cidadania, a convivência humana e o trabalho, através do Ensino Fundamental de 5ª a 8ª série, o Ensino Médio e oferecendo, facultativamente, Cursos Profissionalizantes”.

No que diz respeito à Língua Inglesa, existe uma equipe de implementação pedagógica que fica fora do colégio (Secretaria de Educação) responsável por fornecer informações diversas, orientar e auxiliar todos os professores da rede municipal. Foi a Secretaria de Educação que distribuiu os livros didáticos orientando que fossem utilizados de forma compartilhada. Essa mesma equipe realiza uma reunião com os professores de Língua Inglesa uma vez por semestre e, desde o princípio, ressalta que:

...o papel do professor é certificar-se de que as metas de aprendizado e os métodos de ensino estejam adequados ao contexto. É necessário que o professor seja realista, analise os recursos dos quais dispõe e que busque o que seja melhor para os alunos. Além disso, que tenha ambição em termos de qualidade e de obtenção de resultados; que argumente e que busque novas possibilidades. O desafio é fornecer aos indivíduos um instrumento de ação no mundo contemporâneo, isto é, formar alunos capazes de compreender os discursos que perpassam a vida social a fim de fazer escolhas éticas.

Outro aspecto relevante diz respeito ao Regimento Único da Rede Municipal de Ensino. Trata-se de um conjunto de normas elaboradas pelo Conselho Municipal de Educação. São essas normas que regem o funcionamento das escolas da rede, incluindo a FMES. O Título III – Da Organização Didático-Pedagógica; Capítulo III; Seção I – Do Processo de Avaliação; Artigo 62; inciso 4º diz que:

As disciplinas Arte, Língua Estrangeira e Educação Física, no Ensino Fundamental de 5ª a 8ª séries e Ensino Médio e Informática no Ensino Médio, não têm caráter reprobatório e o resultado da avaliação será expresso através das siglas PA [Participação Ativa], PS [Participação Satisfatória] e PI [Participação Insatisfatória] (2005).

Essas normas podem ser caracterizadas como as “restrições locais que dão forma à investigação” apresentadas por Denzin e Lincoln (2000) anteriormente. Fatores que não ocorrem de fato na sala de aula, mas influenciam de uma forma ou de outra no que acontece em sala, também precisam ser contemplados para que melhores entendimentos sejam alcançados.

### **3.2.2**

#### **Os participantes**

A turma do 8º ano do Ensino Fundamental (713) é constituída por cerca de 42 alunos com faixa etária de 13 anos de idade. Todos são alunos de turmas de 6ª série do ano anterior do próprio colégio. Segundo relato exposto pela Direção do colégio, a maioria dos alunos provêm de famílias com renda mensal entre 1 e 3 salários mínimos.

Eu, Ivan Ponciano, tenho 30 anos e estudo desde os sete anos de idade. Concluí o Ensino Fundamental em 1990 e, no ano seguinte, consegui ser aprovado no concurso da Escola Técnica Pandiá Calógeras para cursar Metalurgia. Em 1995 iniciei o estágio curricular remunerado na Companhia Siderúrgica Nacional e em

1996 fui admitido como funcionário efetivo da empresa. Durante os 11 anos em que trabalhei na empresa, tive que conciliar o serviço com o Curso Superior seguido de Especialização em Língua Inglesa perfazendo um total de 5 anos. Cerca de três anos mais tarde fui aprovado no processo seletivo para Mestrado em estudos da Linguagem. Eu ainda não havia sido convocado pela SEE (RJ) e nem pela FMES quando iniciei o Mestrado em 2006. Porém, já havia me desligado da empresa para dar continuidade aos estudos.

A Prefeitura de Saudade realizou um concurso público após 11 anos, durante os quais a composição da maior parte de seu quadro docente fora formada por professores contratados. Após a conclusão do concurso, foi divulgado que o novo quadro docente passou a ser formado por cerca de 90% de professores concursados. Eu fui um dos candidatos aprovados para a disciplina de Língua Inglesa. Embora não conhecesse nenhuma das cinco unidades da FMES em termos de infra-estrutura, optei por iniciar carreira no Colégio João XXII por conta do horário (matutino), do fácil acesso e, sobretudo, da possibilidade de vir a trabalhar com o Ensino Médio.

### 3.2.3

#### **Descrição do Livro**

O livro usado na escola é da EDITORA NEW WAY (3ª edição - 2004). Chama-se *It's a New Way* e possui 8 lições distribuídas em 82 páginas, sendo que há uma lista de palavras (vocabulário) na última página. O foco é direcionado para a leitura e existem bilhetes, cartazes, diálogos, anúncios e textos. Alguns desses gêneros vêm acompanhados de tópicos para debate em sala. Há muitos exercícios no livro e o conteúdo explicativo relativo aos *Grammar Points* é extremamente resumido e conseqüentemente, pouco esclarecedor. Para seguir o programa estabelecido pela Secretaria de Educação, faço uso dos volumes 2 e 3, e de algumas observações oriundas de pesquisas que faço em outras fontes.

Para utilizar os livros, primeiramente passo pela cabine para apanhá-los. Ao chegar em sala cada aluno recebe um exemplar e segue as instruções que escrevo no quadro. Nossas aulas são direcionadas para a correta estruturação das frases. Procuro desenvolver a aula abordando o texto (gênero) que encerra o *Grammar*

*Point* a ser estudado e sempre forneço uma descrição mais detalhada que é disposta no quadro, pois como há considerável dificuldade para concluir as tarefas propostas, não acredito que a informação que se encontra no livro seja suficiente para a resolução dos exercícios.

### 3.2.4

#### O ambiente na sala de aula e a origem da questão

A atmosfera em sala de aula parece bem mais próxima do sentido negativo que Allright e Bailey (2004: 23) conferem ao termo “estado de receptividade”, isto é, defensivo. Acredito que essa postura em relação ao inglês possa ser entre outras possibilidades, decorrência da carência de pré-requisitos relativos às séries anteriores e ao fato da disciplina não possuir caráter reprobatório. É comum ouvir de alguns alunos: – Eu não sei nem Português direito! Como que vou aprender inglês? Enunciados como esse podem ser ouvidos em todas as turmas das três séries que dou aula. Alguns alunos também dizem: – A professora do ano passado não ensinava nada! Colocações como essas podem representar certa resistência ou indisposição por parte dos alunos em relação ao inglês, assim como uma provável falta de dedicação mais acentuada dos professores que trabalharam com esses mesmos alunos anteriormente. Essas colocações podem ser encaradas como uma nova indagação a ser analisada, abrindo margem para que futuras investigações que contemplem falas dessa natureza possam ser conduzidas.

### 3.3

#### Idealização do trabalho-para-entendimento

Primeiramente, refletindo sobre o questionamento a ser investigado, tracei o planejamento das APPE com seus respectivos objetivos que provavelmente nos conduziria ao entendimento da questão. Nunan (2004: 59) diz que a “atividade específica o que os alunos farão com o *input* que constitui o ponto de partida para a tarefa de aprendizagem”. Creio que seja possível estabelecer correspondência entre essas atividades ou tarefas e as atividades ou tarefas pedagógicas com potencial exploratório (APPE). Ainda me referindo a Nunan, o autor apresenta três tipologias de tarefas propostas por Prabhu (1987), Clark (1987) e Pattison (1987). O terceiro

tipo de atividade, *opinion-gap activity*, alinha-se à proposta dessa etapa da investigação. Nas palavras de Nunan (2004), apud Prabhu (1987), Clark (1987) e Pattison (1987):

envolve a identificação e articulação de uma preferência, impressão ou atitude pessoal em resposta a uma situação. (...) a atividade pode envolver o uso de informações reais e a formulação de argumentos para justificar a opinião de alguém, mas não existe um procedimento objetivo para apresentar os resultados como certo ou errados e motivo algum para esperar os mesmos resultados de pessoas diferentes ou em ocasiões diferentes” (2004: 66).

Essa é mais uma das características das atividades desenvolvidas sob a luz da Prática Exploratória. As vozes dos alunos são realmente ouvidas e o que eles dizem é extremamente válido. A PE enquanto paradigma teórico-investigativo permite que os alunos se expressem e, conseqüentemente, participem de forma efetiva por meio de suas contribuições. Ou seja, as informações não são ‘filtradas’ segundo interesses particulares ou específicos, pois existe respeito à idiossincrasia. Vale lembrar que, segundo Allwright e Miller (2001),

como seres humanos nós notamos o que ocorre nas interações humanas em que estamos envolvidos; enquanto praticantes percebemos de maneira semelhante o que acontece em nossa interação social e pedagógica em nossos contextos de trabalho.

As palavras de Azevedo (2005: 64) corroboram esse raciocínio:

Certas atividades, como discussões em grupo, dão aos alunos oportunidades de conhecerem-se mais profundamente, e criarem um espaço para o seu crescimento e desenvolvimento.

Num ambiente dinâmico como a sala de aula, os alunos são capazes de “estabelecer e manter relações e discutir tópicos de interesse através da troca de informações, idéias, opiniões, atitudes, impressões, experiências e planos” (Clark, 1987 apud Nunan, 2004). Num estudo que comporta as características mencionadas anteriormente, os alunos são verdadeiros colaboradores no processo de formação dos dados.

Nas próximas linhas descrevo as APPE acompanhadas de seus respectivos objetivos. Gostaria de salientar que é por meio da realização de cada atividade que

pretendemos alcançar uma melhor compreensão sobre a circunstância envolvendo o livro didático.

### 3.3.1

#### **Aividade Pedagógica com Potencial Exploratório 1**

Esta atividade foi concluída em uma única aula de 50min. Durante este período os alunos trabalharam em grupos de 4 integrantes e tiveram oportunidade de:

- refletir sobre o assunto ao dar suas opiniões acerca das indagações;
- registrar [em papel A4] suas reflexões a respeito das perguntas a) como você vê essa situação? b) você tem alguma sugestão ou crítica? c) como você se sente em relação a essa situação como aluno?

### 3.3.2

#### **Aividade Pedagógica com Potencial Exploratório 2**

Através desta atividade efetivada em duas aulas de 50min, tive a oportunidade de:

- agrupar [A4] as respostas dos alunos relativas a cada pergunta para serem usadas como ponto de partida na APPE 3;
- introduzir o *Present Continuous*.

O agrupamento das respostas foi uma breve tarefa por mim realizada, pois tudo que cada grupo registrou estava anexado às respectivas perguntas. Isso possibilitou que mais tarde eu conseguisse organizá-las numa única página sem ser preciso ficar deduzindo que resposta pertencia a que pergunta. Em seguida, vimos algumas informações sobre o verbo *TO BE* para darmos início ao assunto (conteúdo) a ser estudado. O *Present Continuous* foi apresentado com o auxílio do

livro e de informações explicativas que eu reunira para a aula. Logo após a exposição do assunto fizemos alguns exercícios do livro.

### 3.3.3

#### **Aividade Pedagógica com Potencial Exploratório 3**

A terceira atividade levou duas aulas para ser finalizada e teve por objetivo:

- disponibilizar para todos os alunos todas as respostas que foram dadas para que eles pudessem ter o maior número possível de opções para criar as ilustrações [A4] baseando-se nas respostas;
- fazer com que os alunos interagissem com as respostas dos outros grupos e refletissem sobre outros pontos de vista envolvendo o tópico que buscávamos entender.

### 3.3.4

#### **Aividade Pedagógica com Potencial Exploratório 4**

Em três aulas criaram-se oportunidades para que os alunos:

- tivessem acesso às ilustrações produzidas [A4] na APPE 3;
- estabelecessem vínculo significativo entre o assunto a ser estudado (*Present Continuous*) e o trabalho-para-entender;
- registrassem as descrições relativas a cada ilustração em papel Anote & Cole 76 mm x 102 mm amarelo (Fig. 1);

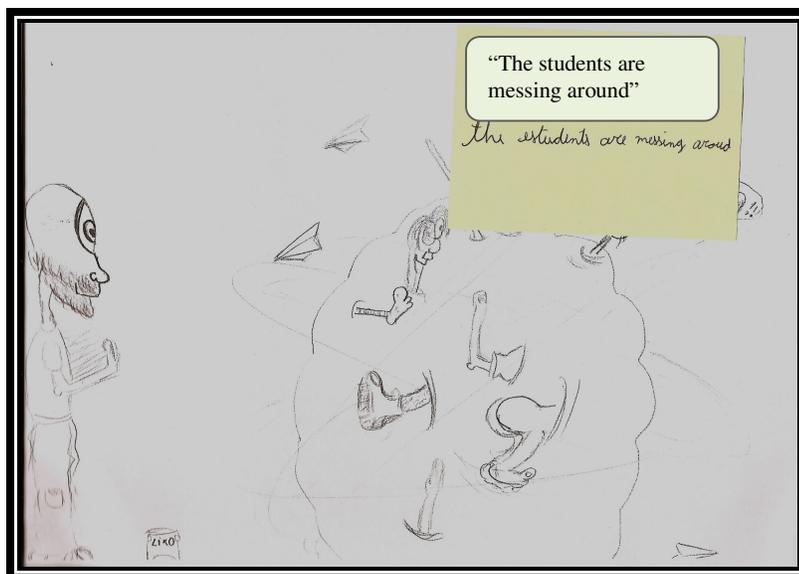


Figura 1 – APPE 4

- os alunos registrassem em papel Anote & Cole 76 mm x 102 mm verde seus entendimentos a respeito das APPE e da maneira como a investigação foi conduzida (trabalhar com a Prática Exploratória).

### 3.3.5

#### Aividade Pedagógica com Potencial Exploratório 5

Esta atividade visou:

- divulgar o trabalho no 9º Evento Anual de Prática Exploratória;
- atingir um entendimento considerando os entendimentos alcançados pelos alunos.

Esse capítulo encerra a descrição de alguns aspectos relacionados aos dados e sua concepção. Há também a exposição da idealização do *trabalho-para-entendimento* a partir das Atividades Pedagógicas com Potencial Exploratório (APPE) objetivando uma melhor compreensão ou entendimento da circunstância em torno do livro didático.